

RELAÇÕES PROFESSOR E ALUNO (*)

Luiz A. Osorio (Pôrto Alegre) RS.

Excelentíssimo Senhor Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Excelentíssimo Senhor Professor José Carlos da Fonseca Milano, Membro do Conselho Federal de Educação, Excelentíssimo Senhor Presidente da Associação Médica do Rio Grande do Sul, Senhores Professores, Senhores Alunos, Minhas Senhoras, Meus Senhores.

No palco de nossas vidas os cenários pouco variam no decorrer dos tempos, são os artistas que às vezes estão mal preparados para desempenhar os seus papéis.

Ao falar neste recinto, dignificado por um auditório tão ilustre, constituído por Professores e Alunos eu apresento as minhas mais efusivas saudações.

O ensino médico constitui para mim mais uma arte do que propriamente uma ciência e daí eu entender que o principal trabalho do Professor será o de conhecer bem os seus alunos. As relações Professor e Aluno é sempre um tema de atualidade, de grande interesse prático, freqüentemente desprezado, mas que justifica plenamente esta Aula Inaugural do ano letivo de 1970.

Todo Professor deve se esforçar para ser considerado pelos seus alunos não como um Mestre estático e não evoluído na acepção da palavra, mas como uma poderosa força de sugestão e de conselhos que a sua experiência conseguiu adquirir através do tempo.

Ele deverá formar uma sólida ponte de bons exemplos, experiências e re-

novação de idéias como intérprete do seu importante papel de educador com uma visão perfeita da melhor e mais completa realidade.

Por esta tradicional Faculdade já passaram Professores do mais alto valor moral e científico, que nos legaram um grande ideal de amor e de sacrifícios para manter o prestígio do ensino médico de nossa terra e de nossa gente.

Gerações novas sucedem-se ininterruptamente em cada ano letivo que se inicia para receberem à custa de ingentes esforços a transmissão dos exemplos deixados por aqueles pioneiros e fundadores desta tradicional Escola de Sarmiento Leite.

Cabe a nós, seus atuais Professores, continuar essa prestimosa tarefa de gravar em cada representante do Corpo Discente a marca indelével desta tradição que enobrece e dignifica nossa vida de Médicos e de cidadãos.

Ensinar sempre constituiu em todas as épocas da História problema difícil e complicado porque cada geração necessita receber um ensino evoluído que possa acompanhar o progresso da Ciência.

Neste ano, quando se inicia a década da Educação, todos os Professores que têm a função de educar deverão ser clamados para que sejam mais compreensivos, mais rígidos nos seus deveres, mais corajosos para enfrentar o futuro com inteligência, enriquecendo a mente dos alunos de preciosos conhecimentos e

(*) Aula Inaugural do Ano letivo de 1970, proferida no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo Professor Luis Assumpção Osorio, em 2 de Março de 1970.

principalmente o coração de bons sentimentos.

O que não podemos nesta hora crítica da realidade brasileira é desertar.

No Brasil, já dizia MIGUEL COUTO, só existe um problema nacional que deveria ter a primazia sobre os demais: a Educação do Povo. Todos os outros decorrem dêste.

Proclamava êste eminente Médico e Professor Universitário, numa Conferência realizada na Associação Brasileira de Educação, no dia 2 de julho do ano de 1927, na cidade do Rio de Janeiro: «PENSAI NA EDUCAÇÃO BRASILEIROS! O SABER É O CAPITAL INDISPENSÁVEL PARA QUE ALGUÉM PROSPERE E APERFEIÇOE OS DOTES MORAIS. OS ARRUINADOS E OS FAMINTOS SÓ CHEGAM A TAL EXTREMO POR FALTA DE INSTRUÇÃO. A IGNORÂNCIA REPRESENTA ATRASO, POBREZA E INFERIORIDADE DE UMA NAÇÃO.»

Ensinar, meus caros ouvintes, no meu entender não constitui uma simples profissão porque depende de uma vocação de sacrifícios nem sempre valorizada nos países subdesenvolvidos, que precisa ser incentivada dentro de cada indivíduo e cuja formação realmente deve ser aprimorada ao enveredarmos para a carreira Universitária.

Desde que me tornei Professor desta Faculdade procurei compreender os meus alunos e a mocidade no decorrer dos tempos.

Creio que o caminho mais seguro para compreender a juventude atual será analisar friamente os fatores que contribuem para explicar o que ela é ou aparenta ser.

Nos meios Universitários e principalmente entre alguns Professores ouvem-se muitas críticas sobre o comportamento da juventude acadêmica.

A escolha do tema desta Aula Inaugural foi proposital, é fruto do esforço de um Professor de Clínica Oftalmológica desta Faculdade, que precisamente há 39 anos passados, entrava tímidamente pelas portas desta Casa, ainda com a emoção de ter sido um dos classificados no vestibular e na qualidade de acadêmico de medicina iniciava os seus estudos, galgando posteriormente todos os escalões da carreira Universitária.

Já passei pela fase de aluno e sei que a mocidade sempre foi irreverente perante a Sociedade em que vive e o mundo onde ela está!

Cada jovem que ultrapassa o cabo tormentoso da adolescência quer fazer sentir sua presença na vida e procura sacudir a tutela dos Pais e Professores.

Instala-se nêles uma sede de afirmação da personalidade, originando rebeldias e oposições, incompreensíveis muitas vezes à autoridade tanto dos Pais como dos Professores, acrescidas por uma espalhafatosa ostentação, como que a gritar bem alto: «Eu já sou homem, ou então eu já sou uma Mulher!».

Esta explosão da personalidade juvenil rejeita toda e qualquer intervenção das outras gerações mais experimentadas e a mocidade se julga autêntica, nascendo assim o clássico conflito que ainda pode ser controlado até o período da adolescência, quando os mais velhos ainda se julgam capazes de exercer papéis de condutores e de conselheiros, através de uma disciplina orientada pela sua própria experiência.

Isto tem acontecido em todas as épocas da História, com maior intensidade e dramatismo, consoante os temperamentos e as condições ambientais.

Quando a Sociedade sofre crises, provocadas seja pelas guerras, situações econômicas difíceis, comoções políticas e sociais, a vida familiar sofre transformações profundas, atingindo valores morais, comportamentos, costumes, então, é natural que tudo isso venha a desencadear reflexos na atitude da mocidade.

O Mundo Novo de hoje que deparamos já é consequência de 2 grandes conflagrações e apresenta-se com características bem diversas daquele Mundo chamado Velho dos meus Pais e de meus Avós. Essa profunda diferença é resultante da vertiginosa revolução técnica que ora presenciamos com extensões até para outros planetas, permitindo novos triunfos para o gênero humano.

A geração do mundo atual já nasceu e já se habituou neste ambiente de descobertas incessantes e encontrou uma realidade bem diversa daquela de nossos antepassados. As conquistas técnicas já pertencem ao seu mundo, fazem parte de sua existência com toda naturalidade, como o crescimento das árvores do jardim.

MARCELLO CAETANO, Professor da Universidade de Lisboa e atual primeiro Ministro de Portugal, classifica com muita propriedade estes 2 Mundos: o Velho e o Novo, como resultantes de 2 civilizações: *A civilização agrária*, que êle denomina civilização da paciência, regulada pelas Estações do Ano a que o Homem e o Cósmos tinham de se submeter.

Neste chamado mundo Velho, a semente quando colocada na terra tinha o seu tempo para germinar, o caule crescia lentamente e as flôres e os frutos vinham no seu devido tempo. A vida dos meus Pais e Avós naqueles bons tempos era mais calma e menos atribulada.

Agora, nos encontramos na *civilização mecânica*, época que a própria natureza chega a ser desprezada, as plantações não mais dependem das Estações do Ano, a fertilidade das terras pode ser modificada, a produção aumentada, passamos para outra civilização caracterizada por um espírito impaciente que não tolera demoras, nem compreende atrasos.

O homem desta civilização mecânica apressada vai se automatizando e transferindo aos cérebros eletrônicos todo o seu esforço de cálculo e de previsão para conseguir acompanhar êste desenvolvimento ultra-rápido.

Os meios de comunicação vem se tornando cada vez mais poderosos, encurtando distâncias, universalizando idéias, hábitos e costumes. Os homens desta época, ficam inferiorizados quando não conseguem viajar e conhecer outros lugares e manter contatos com outros povos.

Senhores! O padrão do aluno bem educado insistem alguns Professores entrou em crise no meio Universitário, havendo rejeição à autoridade daqueles que por terem nascido noutra época desconhecem os hábitos da «bosza nova».

Na educação atual o respeito pela personalidade do aluno chegou a tal ponto que alguns pedagogos modernos preconizam evitar ao mínimo as suas contrariedades para não originar complexos para o resto da vida. Os instintos não devem ser mais dominados. A noção tradicional do pecado perdeu completamente o seu significado, exalta-se hoje o vício como o caminho traçado pelo Destino e pelo Sexo para a salvação das al-

mas. Teólogos complacentes recusam admitir a misericórdia divina e assim a juventude surge cada vez mais emancipada de convenções sociais, morais e religiosas.

Por mais materialista que queira ser o estudante de medicina, êle atinge determinado ponto de seus estudos de Fisiologia aonde só a matéria não é mais suficiente para satisfazer seus anseios. Daí êle deve partir dos seus estudos da célula morta e procurar desvendar os mistérios da vida celular.

Quando êle ultrapassa as portas de uma Enfermaria de Hospital e que toma contato com o sofrimento humano percebe logo que o doente não é mais um caso clínico de curiosidade científica, mas um complexo não só somático, mas também psicológico e social.

Neste momento se dá conta que a doença que êle está observando não é unicamente matéria, não se resume simplesmente em lesões orgânicas e alterações funcionais, mas perturba também a própria emotividade do paciente.

O aluno precisa antes de tudo valer-se de suas próprias faculdades e recursos intelectuais se quiser fazer obra sua, para julgar bem e assim poder acertar um diagnóstico e instituir uma terapêutica adequada.

Sem desenvolver um bom método, sem executar um programa de aprendizagem previamente estabelecido, êle se perderá fatalmente em conjecturas sem atinar com a saída do labirinto que se encontra.

Ao falar de alunos ninguém dos presentes deve pensar que eu me refiro apenas aos do sexo masculino, pois os problemas do estudante de medicina de hoje são comuns aos dois sexos. As mães estudam nas mesmas aulas, freqüentam as mesmas Enfermarias de Hospital, correm as mesmas aventuras e adotam os mesmos hábitos.

«É notório a assimilação dos trajes dos nossos alunos e alunas resultando uma espécie andrógena que o uso da barba, felizmente ainda diferencia, já que êsse nobre atributo sexual parece destinado a ser o derradeiro refúgio da dignidade masculina, contrabalançado pela mini-saia que representa a reação contra a masculinização dos trajes femininos».

O enfraquecimento da vida familiar vem se produzindo numa escala crescente. A família do início deste século ainda mantinha íntegro o espírito patriarcal. A Mãe permanecia em casa como centro do lar. A autoridade do Pai tinha poder supremo. Os filhos faziam vida em comum, traziam para casa os seus amigos ou freqüentavam a casa destes, mas sempre sob o olhar tutelar das famílias.

Êstes hábitos com o tempo foram se modificando. Raras são hoje as Mães que exercem aquêlê papel de guardiãs dos seus filhos nos lares, ou por que tem o seu emprêgo fora de casa ou porque são atraídas pelos deveres sociais ou mesmo pelo motivo de distrações. As casas transformaram-se em apartamentos, impedindo reuniões dos jovens. Escasseia cada vez mais o pessoal doméstico. As crianças são, assim colocadas nos jardins de infância desde muito cedo e quando voltam para casa encontram os Pais atarefados, fatigados, ansiosos por paz de espírito, sem poder prestá-los muita atenção. Os Colégios constituem dêste modo, o verdadeiro lugar de ensinamentos dos jovens e quando êles chegam à Universidade agrupam-se com aquêles «caras», de acôrdo com a sua própria terminologia, para estudar juntos, se aconselharem e divertirem-se».

O Professor HILTON ROCHA, grande conhecedor dos problemas educacionais brasileiros, dizia em Conferência pronunciada há alguns anos, «quando conversamos geralmente com os estudantes de medicina do 5º ano que estão cursando Oftalmologia, salvo raras exceções, encontramos poucas vêzes correspondência do nível de sua conversa com o nível do ano que êles se encontram. Seu físico está num ano, seu espírito noutro menos avançado. Êles não raciocinam sôbre os casos clínicos, só depois de formados é que descobrem com grande surpresa a sua falta de cultura especializada».

Se fizermos um estudo comparativo, sem procurar é claro menosprezar ninguém, entre o estudante de medicina brasileiro e os estudantes de outros países chamados desenvolvidos, verificamos que êstes últimos, talvez porque entrem mais maduros para a Faculdade, dedicam-se ao trabalho com mais responsabilidade, assumindo compromissos com maior regularidade e fazem um planejamento

perfeito de suas atividades científicas e sociais.

Os brasileiros improvisam tudo, não planejam quase nada, sempre estão brincando, mesmo nos seus trabalhos, distraíndo-se com assuntos diversos e confiando demais na sua inteligência. Esta imaturidade reflete-se fatalmente no seu aprendizado.

Todo Professor que seja realmente amigo de seus alunos precisa falar francamente sôbre todos os assuntos, quer científicos, morais ou culturais e estender suas mãos para remover quaisquer dificuldades na solução destes problemas, sem ferir suscetibilidades.

Senhores Alunos! Sois daqui por diante os futuros sustentáculos desta Casa de Educação Médica, cujo escopo principal foi sempre renovar e aperfeiçoar a nossa nobre profissão, nobilitando-a e engrandecendo-a ao calor de um gigantesco esforço comum.

Trabalhai com entusiasmo e dedicação por esta Faculdade, sejamos os obreiros dêste ideal legado pelos que nos antecederam.

«Juventude, Senhores! Não é questão de idade, juventude no dizer do escritor Franck Cane «não é um momento da vida, mas um estado de alma. Não é questão de faces rosadas, de lábios encarnados ou de joelhos flexíveis. Juventude é uma condição da vontade, uma qualidade da imaginação, um vigor das emoções, um revigoramento das fontes profundas da vida. Juventude, significa predomínio da coragem sôbre a timidez, da ânsia de aventura sôbre o desejo de sossêgo. E isto, muito freqüentemente existe mais intensivamente num homem de 50 anos do que num de 18 anos».

«Ninguém envelhece pelo simples fato de viver um certo número de anos. Envelhecemos, sim, quando abandonamos os nossos ideais. Os anos enrugam a pele, mas a perda do entusiasmo faz murchar a alma. Os verdadeiros longos anos que fazem inclinar a cabeça são realmente as preocupações, a dúvida, o desânimo e principalmente a desconfiança em si mesmo».

Tenha-se 50 anos ou 18 anos, em cada coração humano deve existir um ideal, desafiando os fatos com o desejo inesgotável e infantil pelo desconhecido

e pelos prazeres de um dever bem cumprido.

«És tão jovem como tua fé, tão velho como tua dúvida; tão jovem como a confiança que tenhas em ti mesmo, tão velho como o teu temor; tão jovem como tua esperança, tão velho como teu ceticismo.

No centro de teu coração há alguma cousa semelhante a uma estação telegráfica. Na medida que recebes mensagens de esperança, beleza, alegria, valor, grandeza, poder da terra e graça divina, és jovem; mas quando os fios do receptor se rompem é aí neste momento que teu coração se cobre com a neve do pessimismo e da desgraça, então sim, estás envelhecendo, foge dos jovens, eles não mais te apreciam e que Deus tenha piedade de tua alma».

Caros ouvintes! Nunca me senti tão jovem quanto hoje nem mais decidido a continuar no meu trabalho e na minha luta de Professor.

Nós Professôres precisamos olhar com mais compreensão e simpatia para a juventude atual que nasceu num mundo de transformação social e numa era apocalíptica, com dificuldades de adaptação ao meio ambiente.

Não é preciso provocar alarmes nem discussões por ver a mocidade seguir muitas vezes rumos diversos daqueles que consideramos mais seguros, mais tradicionais e mais condizentes com a pessoa humana.

Na marcha inexorável da História Universal dos Povos verifica-se que cada geração teve seus problemas e que foram resolvidos com as características de sua época.

A juventude atual deixou no nosso tempo de ser uma idade para querer se constituir numa verdadeira classe e exercer influência em todas as atividades.

As relações Professor e Aluno devem ser mais incentivadas para se tornarem mais sólidas e perfeitas se houvesse um melhor espírito de compreensão de ambas as partes.

O que não me parece racional é permitir um afrouxamento de uma disciplina salutar e benéfica para a nossa mocidade acadêmica. Sem disciplina nunca haverá progresso em qualquer atividade do gênero humano. Isto é regra imutável

de todas as épocas e será sempre para qualquer geração.

O artista executa o seu trabalho com materiais inertes como o mármore, o bronze ou a tela de pintura que um dia podem perecer. Mas, o Professor, não! O seu material é o aluno e como todo ser humano ele é muitas vezes difícil de moldar devido à suas qualidades individuais serem diferentes.

Daí termos de classificar tanto os artistas como os Professôres em maus e bons.

Felizmente nestes longos anos de experiência no trato diário com os meus alunos eu posso prestar depoimento pessoal que eles assumiram em geral suas responsabilidades no momento preciso que foram solicitados.

Falemos agora um pouco mais sobre o Professor.

A carreira do Professor Universitário todos sabem ser árdua, exigindo muito sacrifício e qualidades inatas, a par de um verdadeiro espírito de humildade.

Professor perfeito não existe, ainda está por nascer, o que é possível é melhorar o seu padrão de trabalho para que ele possa se constituir num legítimo guia e uma fonte preciosa de informações para seus alunos.

O ensino de Clínica Oftalmológica do qual sou o responsável nesta Faculdade vem sendo dinamizado para que o aluno não tenha exatamente sempre as mesmas tarefas, a fim de não se tornar trabalho penoso e não cair na rotina monótona.

Não compreendo o Ensino Médio integrado a não ser em trabalho de equipe ou de grupo com participação plena do aluno em todas as atividades de atendimento do paciente.

Demonstrar entusiasmo pela aula e pelo ensino dos seus alunos deve constituir o primeiro requisito de todo aquele Professor conscio de seus deveres de orientador e de Mestre.

Atualmente qualquer Professor Universitário tem as suas dificuldades e os seus graves problemas para resolver, o número de alunos cada vez aumenta mais, sem haver nenhuma previsão dos órgãos competentes, o espaço físico per-

manece o mesmo de muitos anos atrás. Desta maneira os alunos são acomodados nestas aulas num ambiente superlotado e anti-pedagógico, aonde é inevitável oferecer um ensino penoso, aborrecido e cansativo.

A luta do Professor ainda é maior quando acrescida pela deficiência, e a falta total de instrumental científico para justificar o seu ensino prático e a deficiência de Assistentes e Colaboradores para dar um ensino mais objetivo e individual. O ensino clínico no nosso meio, salvo algumas exceções, ainda conserva o tradicional sistema de aulas magistrais, sem participação ativa do aluno no exame do paciente (os alunos permanecem na aula de cabeça baixa tomando notas no seu caderno). Estas notas serão depois decoradas para serem reproduzidas nos exames finais.

É preciso reagir contra essa pedagogia de ensino médico completamente superada, pela qual como Professores somos arrastados e nos tornamos cúmplices imperdoáveis.

É necessário no dizer de HILTON ROCHA «que os alunos participem mais ativamente no exame clínico para poder principalmente aprender a raciocinar ou pelo menos tentar», porque atualmente como bem diz este ilustrado Professor eles «estão no ciclo pedagógico do papagaio».

A isto é que se resume a diferença do Ensino Médico entre países desenvolvidos e sub-desenvolvidos. Não é que não sejamos capazes de dar um ensino eficiente, mas precisamos ter a coragem e a audácia de mudar tudo que está errado e não fazer planos e deixar para depois.

Sobre as dificuldades do Ensino médico devo dizer que vivemos eternamente no regime de Reformas e ameaças de Reformas, numa perturbadora instabilidade de re-organização, tão ansiosamente aguardada por Alunos e Professores.

O Professor não deve procurar ser um enigma para os seus alunos, ele precisa se lembrar que a clareza e a simplicidade devem constituir o verniz dos verdadeiros Mestres e cumprir sua missão de orientador oferecendo bases científicas e morais para uma vida digna, para uma vida honesta, para uma vida de respeito recíproco, para uma vida de fide-

dade a sua terra que lhe viu nascer, para uma vida útil ao seu semelhante e para enfim dizer no dia de sua aposentadoria — *Missão Cumprida*.

A nossa vida como muito bem dizia o imortal e grande clínico brasileiro FRANCISCO DE CASTRO «é um cabedal eterno da qual nós somos os depositários efêmeros» e desta vida eu também pretendo levar as melhores recordações dos meus alunos agradecidos, não na qualidade de Professor «bonzinho» que se descuida freqüentemente de seus deveres, nem daquele cuja ação fica entorpecida pela indiferença, porque sei que a mocidade nunca se esquece dos seus verdadeiros benfeitores, que tem a coragem de falar com toda a franqueza e amizade.

Através da Clínica Oftalmológica, esta maravilhosa estrêla polar de meus sonhos venho oferecendo para mais de 3 décadas todo o meu esforço e meu carinho que me faz esquecer o tempo que passa célere de minha carreira de Professor Universitário.

Senhores Professores e Alunos!

Foi com grande emoção que recebi de meus colegas de Congregação a honrosa tarefa que me distinguiram elegendo-me para proferir esta Aula Inaugural do ano letivo de 1970.

Há precisamente 8 anos, aqui nesta mesma Sala, o meu distinto e saudoso colega Professor LUIZ SARMENTO BARATA, Catedrático de Clínica Urológica, cuja perda ainda esta Faculdade lamenta com lágrimas nos olhos, apresentava sua Aula Inaugural do ano letivo de 1962 com o tema «Medicina e Humanismo».

«Nenhuma profissão aproxima-se mais do homem que a medicina. O médico vivendo para o homem e pelo homem, realiza, através de civilizações, a mais sublime obra humana, o maior dos mandamentos — o amor ao próximo —.

Desenvolveu nesta sua inesquecível Aula Inaugural o interessante tema das relações entre a ciência médica e os valores humanos. Configurou que a presença humana do paciente tem uma consistência inconfundível a que não podem ficar alheios Professores e Alunos e dizia mais, «qual de nós, — médicos e estudantes — não sentimos qualquer coisa de grave e de solene quando transpomos a porta de um Necrotério, de uma Enfermaria ou de uma Sala de Operações? Será

a simples presença da matéria capaz de despertar tanta emoção?

Não! Senhores.

«Na verdade, o dente não é uma ficha, um prontuário, um leito de Hospital, um número, como também não é um caso, um problema, um mero objeto de estudo.

O doente é uma pessoa humana. Mesmo o corpo inerte e frio que encontramos distendido sobre a mesa de dissecação não é somente músculos, ossos e vísceras. É ainda depositário de uma série de valores humanos».

Quando examinamos um paciente seja na nossa Enfermaria do Hospital ou em nosso consultório observamos de imediato que sua fisionomia mal pode dissimular os receios e as vicissitudes da moléstia, seu olhar revela a nota de espanto que vai se transmutando, pouco a pouco, em confiança ao médico.

Ao final da consulta estamos conscientes de que, naquela hora, o paciente, revelou-se inteiramente como pessoa humana, contando algo de sua vida, de seus anseios, de suas inquietações, satisfeito por ouvir que nós nos colocamos ao seu lado dispostos a buscar a solução para a cura de seus males.

Afirmava ainda, o Professor LUIZ SARMENTO BARATA, com aquêle espírito tão seu característico e tão simpático, «é na experiência humana, no trato diuturno com doentes, com homens da mais variada procedência social e da mais diversificada formação ideológica, que o médico encontra os grandes indícios para a compreensão acerca do homem e da vida. Saúde, vida, esperança, amor e paz são bens que nós os médicos podemos renascer através dos nossos conhecimentos e das nossas mãos».

«Quantas famílias agradecidas existem por este mundo afora abençoando o trabalho médico. Mas, vêzes outras, somos impotentes ante a morte porque não fomos nós os criadores da Vida. Tudo demos pela vida do paciente. Levamos os nossos conhecimentos médicos e a nossa devoção ao máximo. Cumprimos com o nosso dever. A morte não é uma derrota para a Medicina. É um mistério que nos transcende».

Prezados ouvintes!

Se a curiosidade das moléstias interessa muito ao Professor e ao Aluno devemos nos lembrar que o amor ao doente fazem deles o verdadeiro Médico.

Senhores Professores e Alunos!

Lembraí-vos que a pertinácia e a paciência conseguem remover montanhas.

Conclamo a todos os presentes ao terminar esta minha Aula Inaugural a aprimorar nossas relações e assim unidos e coesos possamos ter a força suficiente para remover dificuldades e melhorar nossos problemas.

Trabalhemos pelo nosso aperfeiçoamento; valorizemos esta nossa tradicional Faculdade; exaltemos o trabalho médico; tenhamos fé nos nossos destinos; ensinemos com entusiasmo esta juventude do Brasil de amanhã e façamos do nosso querido Rio Grande do Sul um Estado forte e progressista, para glória deste grande País, não esquecendo porém com tôda humildade o que outróra afirmou o grande fisiologista HELMHOLZ: **«Para não cair no perigo da vaidade basta ter presente o muito que os outros sabem sobre coisas que nós próprios ignoramos».**

Senhores Professores e Alunos!

Muito agradeço a atenção que me dispensaram.